

# O Ocidente e o jogo duplo da Turquia

José Pedro Teixeira Fernandes | *Público* | 22 de Maio de 2022

1. Não foi preciso muito tempo para emergirem as divisões no Ocidente político. Na superficialidade, a guerra na Ucrânia criou uma grande coesão euro-atlântica. Nos últimos meses, os EUA e os seus aliados da NATO pareciam estar todos em sintonia, mobilizados pelo perigo da invasão russa da Ucrânia, ocorrida em total desrespeito do Direito Internacional. Quanto à Turquia de Recep Tayyip Erdoğan, ganhava de novo a apreciação do Ocidente. Apoiava política e militarmente a Ucrânia. Fechava os estreitos do Bósforo e Dardanelos à marinha de guerra russa. Emergia como um mediador entre as partes em conflito. A sua actuação até parecia encaixar na retórica do Presidente norte-americano e de uma guerra das democracias contra os autoritarismos, cujo inimigo maior era a Rússia de Vladimir Putin. Só que nem a Turquia é uma democracia liberal-pluralista, nem é culturalmente ocidental sendo um país de tradições islâmicas sunitas, nem os seus interesses estratégicos são os mesmos da União Europeia e dos EUA, umas vezes coincidem, outras vezes não — e ultimamente não coincidem em muitas circunstâncias.

2. A história é muitas vezes irónica e cruel. Nos últimos tempos, era a Ucrânia quem queria aderir à NATO (até alterou a sua Constituição para esse efeito). Terá sido esse o motivo principal de ser invadida, segundo a Rússia, que via tal possibilidade como uma ameaça crítica aos seus interesses fundamentais de segurança. Todavia, a quem a invasão da Ucrânia trouxe a oportunidade, quase perfeita, para aderir à NATO, foi a Suécia e a Finlândia, cujas opiniões públicas, até 24 de Fevereiro de 2022, estavam largamente contra. Afastaram-se, assim, de uma longa tradição de neutralidade, algo que em parte já tinha ocorrido devido aos compromissos da adesão à União Europeia em 1995. Agora, com a Rússia atolada militarmente no Donbass e com grandes dificuldades em se impor decisivamente ao exército ucraniano — e com as garantias de segurança dadas pelo Reino Unido e EUA que, em contraste flagrante, não foram dadas à Ucrânia quando pediu a adesão à NATO —, a possibilidade de represálias russas sobre os dois Estados escandinavos é baixa. Assim, a Suécia e a Finlândia viram bem estarem perante uma oportunidade única para darem um passo decisivo em direcção à NATO, que noutro contexto não seria prudente. Mas não foram as únicas a ver a possibilidade de actuar com ganhos beneficiando do erro estratégico da Rússia. Também a Turquia viu uma oportunidade de ganhar com o erro russo e o infortúnio ucraniano. Subitamente, o Ocidente voltou a depender dela para fechar estreitos do Bósforo e Dardanelos à marinha de guerra russa e para a Suécia e a Finlândia entrarem na NATO. Para Recep Tayyip Erdoğan, isso tem um preço que o Ocidente terá de lhe pagar em dividendos geopolíticos bem palpáveis.

3. Se há algo que Recep Tayyip Erdoğan sabe fazer bem é um jogo duplo na política externa para obter as maiores concessões possíveis de dois lados rivais — agora o Ocidente e a Rússia, no passado recente também o Ocidente e o Islão. Tem um longo

historial de jogar assim, que já deixou também dissabores a outros países escandinavos. No caso das [caricaturas do profeta Maomé](#), foi a Dinamarca na altura do primeiro-ministro Anders Fogh Rasmussen, mais tarde secretário-geral da NATO (2009-2014), que teve o maior embate. O Governo de Erdoğan, embora apresentando-se como mediador, esteve, na prática, largamente ao lado dos Estados da Organização da Conferência Islâmica que condenaram o *Jyllands-Posten* e outros jornais pela sua publicação, bem como o Governo dinamarquês por não a ter proibido (a liberdade de imprensa não é um valor muito apreciado nesses países). Em 2009, na altura em que Anders Fogh Rasmussen emergia como candidato a secretário-geral da NATO, a animosidade transferiu-se para o interior da organização, com a Turquia procurando boicotá-lo. Agora são os governos sociais-democratas de Magdalena Andersson na Suécia e de Sanna Marin na Finlândia o alvo da fúria de Erdoğan, especialmente devido à protecção dada aos curdos no exílio. Importa não subestimar a capacidade do Presidente turco de tirar partido do actual contexto e de extorquir concessões. Com a aproximação do ciclo eleitoral de 2023 na Turquia, onde ocorrerá uma eleição presidencial e uma eleição parlamentar, obter ganhos num assunto tão sensível politicamente como é a questão curda será certamente uma vantagem na sua luta pela manutenção no poder.

4. Quando estudaram minuciosamente o passo da adesão, a Suécia e a Finlândia concentraram-se na possível reacção da Rússia. Não imaginavam ficarem [enredadas numa complexa teia de interesses geopolíticos lançada pela Turquia](#). Ambas foram, tudo indica, apanhadas de surpresa, pelo menos quanto à intensidade da reacção de oposição turca à sua adesão. Embora não insuperável, a tarefa política de ultrapassar esse obstáculo pode não ser nada fácil. Em termos de culturas políticas e de valores, a Turquia e os países escandinavos estão em posições diametralmente opostas. Se os dois países escandinavos são o exemplo mais elaborado da cultura secular pós-moderna ocidental e de governos com políticas externas de tonalidades feministas e defensoras dos direitos humanos, a Turquia de Erdoğan é um exemplo do inverso: uma cultura tradicionalista, religiosa e patriarcal com tonalidades do Médio Oriente, em grande parte avessa aos direitos humanos tal como usualmente são entendidos pelos ocidentais. O caso da Suécia é particularmente delicado dado existirem vários deputados curdos no seu parlamento eleitos em diferentes partidos e o [Governo dos sociais-democratas de Magdalena Andersson assentar numa frágil coligação](#). Acresce ainda a proximidade de eleições legislativas que decorrerão no final do Verão. Para a auto-imagem de ambos os países escandinavos — especialmente da Suécia, que se vê como um refúgio para perseguições políticas e farol nos direitos humanos no mundo — vão ser difíceis de aceitar as exigências de Erdoğan. Estas incluem terminar com o apoio ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão e outros grupos curdos que o Governo da Turquia qualifica indiscriminadamente como terroristas, desde logo as YPG da Síria; a deportação para a Turquia dos que fugiram do golpe de estado de 2016, especialmente os ligados ao movimento Fethullah Gülen; e o fim do embargo da venda de armas feito pela Suécia em 2019, devido à intervenção militar da Turquia no norte da Síria contra os curdos.

5. Provavelmente não é só da Suécia e da Finlândia que a Turquia quer concessões. Por conveniência estratégica, na guerra da Síria Recep Tayyip Erdoğan aproximou-se de

Vladimir Putin de forma a poder actuar militarmente nas zonas fronteiriças do lado sírio. Essa aproximação teve um desenvolvimento crítico em 2019, quando a Turquia adquiriu os mísseis antiaéreos S-400 à Rússia, como forma de a manter do seu lado, sinalizando que se poderia tornar um cliente da sua indústria de armamento. Como represália, o Governo dos EUA afastou-a de alguns programas militares de última geração, como o do avião furtivo Lockheed Martin F-35. Tendo em conta o empenhamento dos EUA na adesão dos países escandinavos à NATO, é plausível admitir que esse preço será exigido aos norte-americanos, bem como não obstruírem acções militares anti-curdas na Síria. Ou então Erdoğan jogará a cartada de quebrar o isolamento da Rússia, aproximando-se de novo de Vladimir Putin, com danos óbvios na coligação ocidental. Tudo isto foi um choque de realidade para a Suécia e para a Finlândia. Na sua tradição de neutralidade, estavam habituadas a impecáveis políticas externas imbuídas de valores, sem ter de fazer escolhas que os contradiziam. Com o jogo duplo hábil da Turquia de Erdoğan tiveram já uma primeira lição que outros no Ocidente conhecem há muito tempo: o cimento maior das grandes alianças são os interesses, não os ideais democráticos. Ao darem o passo para a NATO enredaram-se já no xadrez dos interesses, frequentemente cínicos, da política internacional. Veremos como sairão deste primeiro embate com a realidade geopolítica.

<https://www.publico.pt/2022/05/22/mundo/analise/ocidente-jogo-duplo-turquia-2007219>